

“Com o celular é 24 horas no ar”: Sobre relações de gênero e apropriação de tecnologias móveis em camadas populares

Sandra Rubia Silva

Doutora | Universidade Federal de Santa Maria
sandraxrubia@gmail.com

Resumo

A partir de uma abordagem etnográfica, analiso neste artigo as múltiplas apropriações dos telefones celulares em suas intersecções com as relações de gênero. Discuto como a tecnologia é apropriada para reafirmar laços amorosos, mas também torna-se foco de vigilância, tensões e conflitos. Nesse sentido, argumento que o telefone celular engendra micropolíticas do cotidiano nas quais homens e mulheres interagem em dinâmicas socioculturais que refletem hierarquias de gênero, mas que também as subvertem.

Palavras-chave

Telefones celulares, relações de gênero, grupos populares.

1 Micropolíticas do cotidiano: o papel do telefone celular nos relacionamentos familiares e amorosos

Embora o Brasil já tenha ultrapassado a marca de duzentos e cinquenta milhões de linhas de telefone celular habilitadas (TELECO, 2012) o tema da apropriação desta tecnologia móvel e seus desdobramentos nas relações sociais é objeto de estudo recente na academia brasileira. Em especial no universo acadêmico anglo-saxão, as intersecções desta tecnologia móvel com o mundo social a partir de uma perspectiva sociológica, antropológica ou mesmo filosófica têm se consolidado como objeto fecundo de pesquisa, como mostram,

entre outros, os livros de Manuel Castells et al. (2007), um estudo comparativo global sobre os impactos socioculturais e econômicos do celular em países desenvolvidos e em desenvolvimento; a reflexão de Ling (2004) pioneira nos estudos de inspiração etnográfica; ou a etnografia de Horst e Miller (2006) sobre o uso de telefones celulares entre grupos populares na Jamaica. Nesse registro, o objetivo deste artigo é refletir sobre a apropriação dos telefones celulares em relação à categoria de gênero, em especial nas camadas populares. Penso ser importante sublinhar que, na análise que segue, entendo o conceito de apropriação a partir das teorias de domesticação tecnológica de Silverstone (HADDON, 2003); assim, trata-se de pensar a apropriação como um processo de consumo que envolve a dimensão do simbólico e da experiência vivida, e que portanto vai além da mera adoção e uso – a apropriação constitui, assim, um processo e não um evento.

Meus dados etnográficos¹ mostram que, entre os habitantes da comunidade pesquisada – que aqui chamarei de Morro São Jorge, um bairro de camadas populares da cidade de Florianópolis, onde vivem em torno de três mil pessoas - o telefone celular é apropriado para reafirmar laços amorosos, mas também torna-se foco de vigilância, tensões e conflitos, motivados principalmente pelo temor da infidelidade conjugal. Nesse sentido, meu argumento ao longo deste artigo é o de que o telefone celular engendra micropolíticas do cotidiano, no sentido foucaultiano, nas quais homens e mulheres interagem em dinâmicas socioculturais que refletem hierarquias de gênero, mas que também as subvertem.

Para Foucault (2008) a reflexão sobre as micropolíticas do cotidiano está intrinsecamente ligada à microfísica do poder. Em *Vigiar e Punir*, Foucault nos mostra como o poder soberano do Antigo Regime dá passagem, na modernidade, para a sociedade disciplinar - a punição, de um espetáculo público, símbolo do poder real, se transforma em punição privada. Foucault nos revela, nesse percurso, como os mecanismos disciplinares vão sendo internalizados nas práticas sociais, até operarem de maneira ideologicamente perfeita: tal qual uma segunda pele, não são sentidos conscientemente pelos indivíduos. Fundamentalmente, nos interessa aqui ressaltar, na

¹ Este artigo é uma versão revista de parte do capítulo sete de minha tese de doutorado (SILVA, 2010).

analítica foucaultiana, como os corpos se vão docilizando pela ação de um político que está presente nos mecanismos do cotidiano. Foucault os chama de processos para a coerção individual e coletiva dos corpos, elaborados por “técnicas da disciplina”. O tempo e o espaço são controlados, postos em diagrama, como explora Deleuze (2006) a respeito do pensamento de Foucault. Os corpos são docilizados na prisão e na escola, como antes o eram na igreja. Pergunta-se Foucault: será que devemos nos espantar que a prisão seja tão parecida com a escola? Assim, o fundamental é pensar a disciplina que vigia e pune como um tipo de poder. Desta forma, a disciplina não se identifica com uma instituição e nem com um aparelho; ela é uma tecnologia, um tipo de poder e uma modalidade para exercê-lo; pode ficar a cargo de instituições especializadas, mas jamais se reduz a elas. Foucault pensava o poder de forma *relacional* – para ele, o poder não existe como coisa essencial ou força elementar, mas como uma *relação* que elabora *diagramas* de controle, controle este exercido em rede e que encontra-se sob constante tensão, já que há resistências no jogo das relações de força. Para Foucault, a micropolítica constrói a própria vida social como arena política vivenciada a partir das práticas cotidianas relacionadas aos corpos:

Trataríamos aí do “corpo político” como um conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber. (FOUCAULT, 2008, p. 27).

Para pensar a questão das tentativas de controle dos corpos pela tecnologia – bem como das táticas de resistência à elas – recorro em um primeiro momento à literatura antropológica sobre as relações de gênero em camadas populares no Brasil, especialmente a etnografia que Fonseca (2000) realizou em um bairro popular de Porto Alegre, dadas as muitas semelhanças nas dinâmicas sociais apontadas pela autora e o que observei em meu próprio campo de pesquisa. A pertinente análise de Fonseca remete aos conceitos de honra e vergonha como fundantes das relações entre gêneros; apoiada na literatura antropológica

clássica (especialmente Pitt-Rivers) a autora reconhece, embora não sem críticas², sua importância para a análise da constituição de ideais do masculino e do feminino, bem como de sua produtividade para captar as sutilezas do universo simbólico entre os membros do grupo pesquisado. Para os homens – e aqui estamos falando dos maridos – a honra está intimamente vinculada à expressão de símbolos de prestígio, dentre os quais a habilidade de prover o lar e portanto ter a exclusividade dos favores sexuais da esposa/parceira estão em primeiro plano (FONSECA, 2000). Ao mesmo tempo – o que complica um pouco mais a equação – outro elemento importante da chamada “masculinidade hegemônica” é o exercício da virilidade pela predação sexual de mulheres – ou seja, para os solteiros, mas também para os casados, ter múltiplas parceiras é bem aceito e mesmo símbolo de prestígio no grupo social (ALMEIDA, 1995). Mas, quando uma mulher trai seu companheiro, a honra adquirida pelo status do casamento rapidamente transforma-se na vergonha de ser apontado como “chifrudo” entre seus pares e parentes; por isso, à preocupação em ser um bom provedor e protetor do lar (sempre “rondando a casa”, como escreve Fonseca) junta-se a resistência a permitir a ampla e livre circulação da mulher nos espaços públicos do bairro ou, pior, que ela trabalhe fora – dessa forma, “a proteção da mulher desliza sub-repticiamente para o controle de sua sexualidade” (FONSECA, 2000, p. 28). Na literatura, aponta Fonseca, para as mulheres casadas a honra está ligada ao cuidado com sua reputação como boa esposa e mãe; a imagem de dona-de-casa dedicada e esposa fiel é central para o prestígio feminino e, nesse sentido, torna-se importante cultivar valores como a honra familiar, a castidade e o pudor para evitar a exposição às fofocas de outras mulheres.

Como pontuamos acima, não é sem críticas que Fonseca utiliza as categorias antropológicas de honra e vergonha para analisar as relações entre homens e mulheres. Se toma a literatura sobre a honra mediterrânea como ponto de partida, é para argumentar em favor de uma análise que matize os estereótipos do macho dominador e da mulher submissa, sugerindo que existem diferenças entre seus dados e as situações clássicas de honra mediterrânea; assim, trata-se de ir além da impressão “de que os homens

² Recorrendo, entre outros, a antropólogos como o português Pina-Cabral, Fonseca (2000) demarca as principais críticas sofridas pela teoria da honra e da vergonha como chave explicativa para as relações de gênero nas sociedades meridionais. Entre elas, a criação de estereótipos do homem macho e da mulher submissa – uma análise dicotômica e etnocêntrica que não parece levar em conta que o “casal igualitário” típico das camadas médias ocidentais é uma criação histórica e cultural. Para a autora, a revisão crítica de Pitt-Rivers nas pesquisas atuais envolve “além de reconhecer que ‘os nativos’ não representam simplesmente o lado avesso do ‘moderno’, é mister ressaltar que, por causa das forças hegemônicas (escola, comunicação de massa), é impossível tratar nossos objetos de pesquisa como se estivessem culturalmente ilhados” (FONSECA, 2000, p. 136).

estabelecem as regras e as mulheres se submetem tranqüilamente ao jogo” (FONSECA, 2000, p. 151). A autora sublinha que suas interlocutoras, ao contrário das mártires dos discursos estereotipados, eram mulheres indignadas e atuantes. Assim, propõe a categoria de “mulher valente” como chave explicativa para os relatos de valentia feminina que ouviu – relatos de transgressão de uma noção hegemônica da “respeitabilidade” de uma passividade feminina que, suavizados pelo uso do humor, mostram “um espírito irônico que freia a mão pesada desse tipo de moralidade conservadora” (FONSECA, 2000, p. 130). Dessa forma, a autora indica, em sua análise, serem o humor (piadas sobre homens “chifrudos”, por exemplo) e as fofocas as armas preferenciais de mulheres contra homens nos jogos de poder entre os gêneros³; estas servem para lembrar ao homem que a ameaça – real ou velada – de infidelidade feminina é usada como moeda de troca. Fofocas e piadas sobre infidelidade podem, assim, ser percebidas como as táticas femininas nas micropolíticas do cotidiano, usadas para contrabalançar as relações de poder assimétricas entre homens e mulheres.

Após esse primeiro momento de reflexão sobre as relações de gênero, interessa-nos agora pensar, através da literatura, a inserção dos telefones celulares no cotidiano de homens e mulheres. Como o próprio campo de estudos sobre os impactos do telefone celular na vida social é em si recente, como já sublinhamos anteriormente, não há muito conhecimento acumulado sobre o papel do telefone celular a partir de uma perspectiva de gênero (ELLWOOD-CLAYTON, 2006; LEMISH E COHEN, 2005) e, menos ainda, estudos que se refiram às camadas populares. De uma forma geral, estudos de cunho mais sociológico, como o de Castells et al. (2007) indicam que os celulares, que iniciaram sua trajetória como artefatos relacionados ao mundo masculino do trabalho, estão cada vez mais presentes no mundo feminino; sendo que praticamente, na atualidade, não há diferenças significativas entre homens e mulheres no que tange à posse de aparelhos celulares. Entretanto, alguns estudos pioneiros que se dedicaram a examinar as intersecções entre gênero e tecnologias móveis, como o de Lemish e Cohen (2005) argumentam que os celulares, se não na posse, tendem a ser usados simbolicamente de formas diferentes. Sua pesquisa, feita em Israel, apontou que tanto homens quanto mulheres discutiram suas percepções em relação ao papel dos telefones celulares em suas vidas de uma forma que remete à concepções tradicionais do masculino e do feminino: para os homens, atividade e apropriação tecnológica; para as mulheres, dependência e domesticidade.

³ Fonseca (2000) assinala que as fofocas são espalhadas principalmente através de conversas de boca em boca, mas que a crescente popularização do telefone celular tem modificado esse cenário.

Ao lado destes, outros estudos, como os de Ellwood-Clayton (2006) e Ling (2004) apontam para o papel da tecnologia na transformação da intimidade e nos relacionamentos – especialmente, a crescente popularidade do SMS nos relacionamentos familiares e amorosos. Nesse registro, Pertierra (2005) ressalta o relevante papel das mensagens de texto – afinal, as Filipinas são o país onde circula o maior número delas – para a formação de novos relacionamentos, sejam estes de amizade, paqueras, namoros, ou mesmo relacionamentos visando o sexo eventual. As mensagens de texto são um dos maiores fenômenos de comunicação da História: sete bilhões delas são enviadas todos os dias no mundo, sendo que um terço tem conteúdo sexual – na Suécia, por exemplo, quarenta por cento dos torpedos enviados são de conteúdo sexual explícito, metade para alguém que não o parceiro regular (VICÁRIA; FERREIRA, 2008). As mensagens sexuais, obviamente, podem ser enviadas para o parceiro regular, mas de qualquer modo é a sua outra possibilidade que remete a um tema no qual o celular se transforma em motivo de preocupação entre os casais: a traição, seja virtual ou devidamente efetivada através da mediação das tecnologias de comunicação e informação. Assim, ao mesmo tempo em que o telefone celular atua como vínculo entre os casais (LING, 2004) tem o potencial de desestabilizar relacionamentos estáveis. As tecnologias móveis, de acordo com Ellwood-Clayton, estão no centro da separação de muitos casais. Em seu estudo, a antropóloga cita dados de agências de detetives especializadas em infidelidade para constatar que na Itália, por exemplo, os telefones celulares estão envolvidos em noventa por cento dos casos de traição descobertos; na Inglaterra, trinta por cento dos participantes de uma pesquisa sobre tecnologia e adultério confessaram utilizar a comunicação eletrônica para flertar com parceiros potenciais ou manter um caso; e um quarto dos clientes de um escritório de advocacia responsabilizaram a Internet ou mensagens de texto no celular pelo fim de seus casamentos (ELLWOOD-CLAYTON, 2006). No Brasil, uma pesquisa do Instituto IPSOS sobre celulares e comportamento⁴ revela que em torno de dez por cento dos respondentes já usaram o celular para paquerar alguém que não fosse o atual parceiro ou terminar o namoro por mensagem de texto, em comparação com trinta por cento na França e dez por cento na Grã-Bretanha; igualmente, dez por cento dos brasileiros já bisbilhotaram o celular dos parceiros em busca de pistas sobre casos extraconjugais, ao passo que vinte por cento na Grã-

⁴ A pesquisa foi realizada com seis mil brasileiros de todas as classes sociais com o objetivo de avaliar o impacto da mobilidade no cotidiano. Replicou, no Brasil, um levantamento feito em cinco países da Europa (Reino Unido, Suécia, Espanha, Alemanha e França) pela London School of Economics and Political Science (VICÁRIA; FERREIRA, 2008).

Bretanha e trinta e cinco por cento na França já fizeram o mesmo (VICÁRIA; FERREIRA, 2008).

Os dados acima, se dão conta do caráter pervasivo do telefone celular na vida social (LING, 2004) igualmente ressaltam sua potência enquanto instrumento de vigilância em uma sociedade de controle, como já ocorreu com outras tecnologias de comunicação e informação anteriormente (LEMISH, COHEN, 2005). Trata-se de pensar em uma releitura matizada do panoptismo foucaultiano – afinal, se o celular vigia, também revela traições e pode ser desligado, por exemplo – mas sem desconsiderar que os celulares possibilitam o que Foucault ([1975] 2008) considerou o efeito mais importante do Panóptico: induzir em seus usuários “um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 2008, p. 166). Nesse registro, o estudo de Nicolaci-da-Costa (2006) – um dos poucos que se dedica à reflexão sobre a apropriação dos celulares na academia brasileira – aponta para a emergência de um novo tipo de controle materno no qual os celulares jogam um papel fundamental. A autora lembra que Deleuze, já na década de noventa do século passado, previu a criação de uma espécie de “coleira digital” que seria capaz de localizar humanos ou animais a qualquer momento (NICOLACI-DA-COSTA, 2006). Penso que a imagem da “coleira digital”, usada por Nicolaci-da-Costa e também por Ling (2004) para descrever o controle exercido, via celular, pelas mães sobre seus filhos, pode perfeitamente ser estendida ao relacionamento entre casais. Para ilustrar essa proposição, bem como para sugerir que o celular tornou-se uma espécie de panóptico contemporâneo que assegurou um lugar significativo nas dinâmicas de relacionamento entre casais, analiso a seguir dois casos etnográficos principais envolvendo duas mulheres do Morro São Jorge e suas reações às formas pelas quais seus maridos apropriaram a tecnologia móvel.

Em termos metodológicos, os dois casos etnográficos apresentados neste artigo podem ser contextualizados no enquadre do trabalho de campo realizado ao longo de doze meses (entre 2008 e 2009) para minha tese de doutorado (SILVA, 2010), a qual versa sobre as diversas práticas socioculturais relacionadas ao consumo de telefones celulares e como tais práticas atravessam distintos domínios da vida social, entre os quais as relações entre homens e mulheres. Ao longo desse período, realizei entrevistas em profundidade e observação participante de diversos contextos sociais da vida em comunidade – a escola, o projeto governamental de geração de renda, o grupo de alfabetização de senhoras, entre outros – e fui conhecendo e convivendo com os habitantes do Morro São Jorge a ponto de

passar a frequentar algumas casas com regularidade. Marisa e Lila, as protagonistas dos casos etnográficos que aqui analiso, foram duas participantes que, ao longo da trajetória dessa pesquisa e pela longa convivência que com elas tive em campo, acabaram por tornar-se minhas informantes privilegiadas.

2 “Vinte e quatro horas no ar”: o panóptico entre os casais

À primeira vista, o caráter positivo do celular enquanto mediador entre maridos e esposas parece ser o mais imediatamente perceptível. As formas pelas quais os telefones celulares propiciam a comunicação entre os casais, sejam de namorados, uniões estáveis ou de casados, vão bem além das simples chamadas telefônicas. É interessante notar que as funções dos celulares também são utilizadas como maneira de expressar amor e estreitar os laços afetivos. Uma prática disseminada entre namorados – especialmente no caso das moças – é a de personalizar o celular colocando como papel de parede uma foto do casal.

Para Alvino e Helena, casados há vinte anos, o celular ajuda a manter o contato enquanto estão separados pela rotina diária. A união, que por vários anos foi ameaçada pelo alcoolismo de Alvino, agora é celebrada com declarações cotidianas de amor, das quais o telefone celular faz parte. Helena diz que ela e o marido “namoram pelo celular” sempre que se falam ao telefone. Além disso, enquanto está fora de casa trabalhando, Alvino faz questão de mandar várias vezes por semana – às vezes mais de uma vez ao dia – mensagens de texto que sempre tem o mesmo recado: “Eu te amo”. O mesmo celular que manda declarações de amor e simboliza a harmonia atual de Alvino e Helena, entretanto, quase ameaçou a paz do casal:

Mas celular também vou te dizer, às vezes... Como é que eu vou te falar... Uma vez tinha uma engraçadinha no Carnaval que mandava mensagem pra ele, aí ele mostrou pra mim. Deu um reboliço, mas ainda bem que ele mostrou, né? A sirigaita é que era safada. Descobriu o número do telefone dele, que ele trabalhou no carnaval e todo mundo tinha. Aí ela pegou não sei com quem. E ele veio “ó, mensagem pra mim”. Eu queria pegar ela de pau, mas aí ela correu [risos].

Se o celular simbolicamente cria vínculos entre casais, como nos mostra o depoimento de Helena – afinal, o marido ou a esposa é na maior parte dos casos a pessoa com quem mais se fala ao celular – nas brigas tal vínculo é contestado de forma violenta. Foram vários os relatos que ouvi de brigas entre casais – geralmente envolvendo alguma desconfiança sobre ligações ou mensagens recebidas – nas quais o celular foi atirado contra

a parede nesses momentos de tensão e raiva. Alane, uma moça de dezessete anos, quebrou o celular do namorado Jefferson por ciúmes – mas o namoro continuou. A pressão foi tanta que Jefferson simplesmente optou por adiar a compra de um novo aparelho.

O primeiro caso etnográfico, que apresento a seguir, envolve uma modalidade de apropriação dos celulares percebida como invasão de privacidade. Ao contrário dos torpedos amorosos recebidos com orgulho por Helena, por exemplo, aqui o celular é percebido como uma demonstração de desconfiança em relação ao parceiro amoroso, como uma forma de “ser rastreado”. Nela, o celular é utilizado como instrumento de vigilância e controle.

Marisa, minha principal interlocutora no Morro São Jorge, está no terceiro casamento. Com a filha e o filho mais velhos já casados, Marisa vive com Carlos e o filho de quinze anos, Éverson, do segundo casamento. Para Carlos, esposa e sogra tem muitos elogios: trabalhador, determinado, sempre disposto a ajudar. Motorista profissional de uma empresa de ônibus, Carlos passa muitas horas do dia sem ver a esposa. E esse é o seu tormento: não saber onde Marisa está, ou o que está fazendo. Segundo a esposa, apesar das qualidades, uma característica da personalidade de Carlos a atormenta: “O problema é que ele é muito controlador, ele é ciumento, ele é muito, ele é doente de ciúmes. Ele é uma pessoa excelente, trabalha, tudo, mas o problema é esse aí...”. E é neste ponto que o celular surge como instrumento para controlar a vida de Marisa.

Entre outras práticas, Carlos liga várias vezes para a sogra, que tem telefone fixo e é vizinha de porta da filha, para confirmar se Marisa está em casa. Além disso, são muitas as ligações e mensagens de texto para o celular da esposa ao longo do dia. Se Marisa sai de casa para fazer algum trabalho eventual para complementar a aposentadoria que recebe por problemas de saúde, Carlos quer saber qual o telefone fixo do local. Ao chegar, Marisa deve ligar para o celular do marido. Só ao ver o número do telefone fixo no identificador de chamadas é que Carlos pode comprovar que Marisa realmente se encontra no local indicado. “Acho que o sonho dele é um celular que tivesse uma câmera para ficar sempre me filmando, mostrando onde é que eu tou”. Se vai ao centro da cidade ou a outro bairro resolver algum outro assunto, Marisa precisa avisar qual ônibus pegou, e com qual motorista. Essa comunicação ocorre por mensagens de texto para o celular de Carlos: “Eu ia pro centro da cidade, eu dizia: Carlos, peguei tal ônibus, mandava mensagem no celular pra ele. Carlos, é tal motorista, mais mensagem. Até eu chegar mandava acho umas quinze mensagens pra ele pelo meu celular”. Assim Carlos pode comprovar com os colegas em que horário e linha

viram a esposa: “E aí quando eu pegava o ônibus aqui pra ir, eu tinha que dizer, ó Carlos, peguei o ônibus tal hora, mandava mensagem. Carlos, tô no caminho, tal hora. Mil mensagens por dia”.

Para definir essa relação, Marisa sempre usou a expressão “24 horas no ar”. Estar vinte e quatro horas no ar dá conta da pressão masculina para que as mulheres estejam constantemente ao alcance da vigilância dos homens através do telefone celular. “Para quem tem namorado ou marido, aqui é assim: tem que ficar 24 horas no ar. Marcação cerrada mesmo. O meu marido é como se fosse um GPS sempre me rastreando. Com o celular é 24 horas no ar”. Marisa só conseguiu algum sossego quando Carlos perdeu o telefone celular: “Só assim ele não me acha”. Mas Marisa é uma mulher de personalidade forte, e não fica submissa ao comportamento do marido; por isso, as brigas e desentendimentos são constantes entre o casal: “De vez em quando me encho e digo ó, tchau prá ti. Desligo o celular mas é pior, ele fica louco da vida”. Em uma dessas ocasiões, Carlos chegou em casa e discutiu com a mulher por causa disso; em um acesso de fúria, deu vários socos na porta de um guarda-roupa, que acabou danificado. “Imagina, a gente já tem pouca coisa e ele vem fazer isso. Pois eu disse: “tu estragou, tu é que vai arrumar. Eu é que não preciso ficar dependendo de homem pra botar dinheiro em casa, que eu tenho o meu.”

O ciúme excessivo de Carlos foi motivo de uma separação de dois meses, que pude acompanhar durante o trabalho de campo. Em uma de minhas visitas à casa de Marisa, recebi a confidência de que ela havia mandado o marido embora. Como era época de eleições municipais (2008), Marisa conseguiu um emprego temporário como cabo eleitoral de um candidato a vereador. Combinei de encontrá-la na rua, onde estaria agitando bandeiras para o candidato, mas seu celular não atendia. Mas acabei encontrando Marisa pelo São Jorge naquele dia. Ela me explicou que havia desligado o celular por algum tempo: “Porque o Carlos andava impossível, me ligava de cinco em cinco minutos enchendo a minha paciência pra voltar, um inferno. Tá lá no fundo da gaveta o celular”. Mas acabou me passando outro número; assim, descobri que Marisa tinha um segundo celular sobre o qual nunca havia me contado. Ela me pediu sigilo e disse que me passava aquele número em confiança. Esse celular era usado para se comunicar cotidianamente com seu segundo ex-marido, para resolver assuntos relativos ao filho em comum, Éverson: “Como marido não deu certo, mas ele é um amigão que até hoje me ajuda muito. Mas o Carlos não gosta que eu fique falando com ele”. Além do ex-marido, somente algumas amigas de longa data e seus dois filhos casados, sabedores do hábito de Carlos de usar o celular para controlar a esposa,

e do hábito de Marisa desligar esse celular de vez em quando – sempre que se irritava com as obsessivas ligações do marido - tinham aquele número para emergências. “Olha, eu tenho esse celular há um bom tempo, mas o Carlos não pode nem sonhar com isso, viu?”. No final da tarde de trabalho, tomando um café na casa de Marisa, entra uma mensagem de texto no celular “secreto”. Marisa me confessou que era uma “paquera antiga” que estava querendo retomar o contato e marcar um encontro; ela, porém, dividia-se entre a indecisão de voltar para o marido e a possibilidade de ter um novo parceiro amoroso. No final do ano, Carlos e Marisa retomaram o casamento.

O segundo caso etnográfico que dá conta das tensões entre casais provocadas pelo telefone celular é o de Lila, uma mulher de trinta e sete anos, mãe de quatro filhos, extremamente zelosa de sua família e muito ciumenta em relação ao esposo. Entretanto, como Marisa, também recebe constantes ligações do marido: “Esse me liga dez vezes por dia. Eu não posso ficar sem telefone, meu Deus do céu. Eu tenho que andar com o celular até no banheiro. Deus me livre se o celular toca e eu demoro pra atender, ele não gosta”. Em suas tentativas de controlar os relacionamentos familiares, o telefone celular joga um papel importante na medida em que, sendo um objeto pessoal de comunicação móvel, desafia e atrapalha os planos de Lila de ter consciência plena sobre todos aqueles com quem seu marido e seus filhos se relacionam.

O segundo marido de Lila, Flávio, que tem três celulares, costuma deixar dois deles na casa da mãe. Entretanto, o que entra na residência do casal não escapa da vigilância da esposa. A interpretação do conteúdo de uma mensagem, no caso de Lila, provocou um grande desentendimento que quase chegou às raias da agressão física. Certa vez, mexendo nesse único celular ao qual tinha acesso mais constante, Lila descobriu que o marido havia recebido uma mensagem com foto – uma foto de mulher. Decidida e ciumenta como sempre, não teve dúvidas, e me conta rindo:

Porque eu não presto mesmo. Passei uma mensagem para ela como se eu fosse ele. “Oi meu amor. Tou com saudade, te amo demais. Tou te esperando às seis horas no ponto de táxi que tem aqui do lado da Praça XV” [*no centro de Florianópolis*]. Peguei e marquei, e não falei nada com ele – coloquei o celular de volta na jaqueta dele e fui dormir. Quando chegou no outro dia, de manhã cedo ele me viu arrumada e perguntou aonde eu ia. Eu disse que ia comprar pão. Assim toda arrumada logo cedo? Para comprar pão? Eu disse que voltava logo. Que nada gurria, chamei um táxi e fui-me embora para o ponto. Que se ela viesse eu ia pegar ela e dar uma surra. Quando cheguei, tou sentada esperando, mais tarde eu soube. Ligaram para o celular dele, mas quem ligou foi o marido da mulher para quem eu mandei a mensagem. [*Pesquisadora: Ai que confusão que tu arrumasse!*] Ele assim, “mandasse uma mensagem para o celular da minha mulher?” E o meu marido: quem, eu? E o homem: “tu mesmo. Uma mensagem pra minha mulher, a fulana, dizendo que ama ela demais, que ficou com saudades, que vai encontrar com ela e que tal”. Meu marido disse: mas eu sei

quem é a tua mulher, ela é minha colega de trabalho, não é a fulana que é contadora? Aí ele assim, é...! “Mas tem uma mensagem aqui, tua pra minha mulher, mandando beijos, dizendo que ama ela demais”. E na mesma hora o meu marido caiu em si, disse: isso deve ser coisa da minha mulher, que é muito ciumenta. Ligou pra minha mãe na mesma hora e pediram pra me chamar, mas eu já estava lá no ponto de táxi. E lá veio o meu marido atrás de mim. E eu vejo uma mulher chegando com um homem, era ela, reconheci pela foto. E logo depois chega o Flávio, meu marido. “Ô Lila, tu tá maluca, mulher?” E eu: “quem é essa daqui? Que é que essa mulher tá fazendo aqui?” E ela com o marido, imagina. E não demorou ela falou pra mim: “tu és a esposa do Flávio, não é? Ele mostrou as fotos tuas lá no serviço”. E eu não quis saber: “não vem com papo não, que ele mostrou pra ti.” E o homem: “ela é minha esposa, calma”. Eu disse que não queria saber, “se ela é tua esposa o que ela tá fazendo mandando mensagem pro meu marido?” Ela disse que era uma brincadeira que eles tinham feito lá na empresa, os colegas do serviço. E o marido dela disse: “então a senhora fez confusão, porque aqui no celular da minha esposa tem a foto de piada do Flávio também”. Aí mostrou e eu disse que não sabia que os dois trabalham juntos, fiz um balaio-de-gato. E eu confessei então para os dois que fui eu que tinha mandado a mensagem, me fazendo passar pelo meu marido que estava inocente na cama dormindo. Ele fica doido, não adianta, eu mexo sempre no celular dele: se tiver foto diferente eu apago, se tem mensagem quero saber como é que é, se tem telefone que eu não conheço vou lá e ligo. Eu faço um balaio-de-gato mesmo. *[E aí o que eles acharam de ti depois disso tudo?]* Aí eu disse pro marido dela: não tens nem como brigar com a tua mulher, porque eu no lugar dela faria a mesma coisa. Meu marido chega em casa, eu pego o celular, tem a foto de uma mulher e embaixo tem o telefone dela, eu vou procurar saber quem é. Mas o marido dela não se segurou e me chamou de diabólica, “porque mandar uma mensagem no lugar de outra pessoa...Ainda bem que foi um mal-entendido.” E eu para ela, “ainda bem, porque Deus o livre, eu ia mesmo te dar uma camaçada de pau”. E ela: pelo amor de Deus D. Lila, o Flávio sempre mostra as fotos da senhora, da menina de vocês...” É, esse celular faz mesmo coisa na vida da gente.

3 Considerações finais

Os casos etnográficos acima mostram que, obviamente, há dois lados na questão do uso do celular quando se fala nas relações entre os gêneros, e revelam a dimensão do conflito trazida para a vida dos casais através de sua apropriação. Embora a questão do celular como mediador positivo tenha surgido na fala de meus interlocutores, em especial na apropriação dos aparelhos como forma de expressar amor, o que predominou foram relatos nos quais o celular surge como pivô de conflitos, que provocam desconfiança, brigas e até separações. A constante inspeção do conteúdo recebido nos celulares dos maridos, como vimos no caso de Lila, bem como a manutenção de um celular extra desconhecido do marido – caso de Marisa – são duas das principais estratégias que marcam a negociação do poder nas micropolíticas das relações entre gêneros no Morro São Jorge. Como vimos, quando se trata de praticar a vigilância e exercer o controle, os homens, de uma forma geral, preferem ser mais explícitos: ligam ou mandam mensagens de texto para localizar suas mulheres. Estas, como vimos, preferem táticas mais sutis que não questionem diretamente

a virilidade masculina e, portanto, contribuam para a harmonia familiar – mas, de qualquer modo, está presente o desafio a uma noção de passividade feminina. O que muda completamente quando se confirma uma possível suspeita de traição por parte do marido: nesse caso, entra em cena a figura que Fonseca (2000) tão bem descreveu como a “mulher valente”. Nesse registro, o relato humorístico de Lila revela que, nas camadas populares, tais transgressões não são motivo de vergonha, mas sim de admiração. Dessa forma, as histórias de “traição pelo celular”, sejam reais ou imaginadas, passam a fazer parte de um circuito no qual narrativas de valentia e bravura femininas são trocadas entre mulheres. Pois, como escreve Fonseca, “a mulher pode orgulhar-se de sua valentia até quando *não* tem razão [...] a mulher admirável é aquela que sabe se mexer – limpando casa, trabalhando fora ou brigando para arrancar o marido provedor dos braços de uma amante” (FONSECA, 2000, p. 130). Nesse sentido, espero que este artigo possa contribuir para o debate mais amplo em torno da apropriação tecnológica e do papel das tecnologias de comunicação e informação – e, em especial, dos telefones celulares - nas relações entre os gêneros.

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society**: a global perspective. Cambridge: MIT Press, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ELLWOOD-CLAYTON, Bella. Unfaithful: reflections of enchantment, disenchantment... and the mobile phone. In: HÖFLICH, Joachim; HARTMANN, Maren (orgs.). **Mobile Communication in Everyday Life**: ethnographic views, observations and reflections. Berlim: Frank & Timme, 2006, p. 123 – 144.
- FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, Michel [1975]. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 35ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HADDON, Leslie. Domestication and Mobile Telephony. In: KATZ, James (org.). **Machines that Become Us**: the social context of personal communication technology. New Brunswick, New Jersey, USA: Transaction Publishers, 2003, p. 43 – 56.
- HORST, Heather; MILLER, Daniel. **The Cell Phone**: an Anthropology of Communication. Oxford; Berg, 2006.
- LEMISH, Dafna; COHEN, Akiba. On the gendered use of mobile phone culture in Israel. **Sex Roles**, 52 (7/8), abr. 2005, p. 511 – 521. Disponível em <www.springerverlag.com>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- LING, Rich. **The Mobile Connection**: the cell phone’s impact on society. New York: Morgan Kaufman, 2004.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno.

Psicologia & Sociedade, 18(3), set/dez. 2006, p. 88-96. Disponível em: <www.scielo.com> Acesso em: 20 jan. 2010.

PERTIERRA, Raul. Mobile phones, identity and discursive intimacy. **Human Technology – an interdisciplinary Journal on Humans in ICT Environments**, vol 1 (1), abr. 2005, p. 23 – 44. Disponível em <www.humantechnology.jyu.fi> Acesso em: 20 jan. 2010.

SILVA, Sandra Rubia. Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular. 442 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

TELECO. Estatísticas de Celulares no Brasil. **Teleco: Informações em Telecomunicações**, 2012. Disponível em: < <http://www.teleco.com.br/ncel.asp> > Acesso em: 20 mai. 2012.

VICÁRIA, Luciana; FERREIRA, Thaís. A nova era dos nômades digitais. **Época**, São Paulo, ano 12, ed. 528, nr. 528, jun. 2008, p. 114 – 120.

"With the cell phone, 24 hours on air": On gender relations and the appropriation of mobile technologies in low-income groups

Abstract

Drawing from an ethnographic approach, I analyze in this article the appropriation of cell phones in their intersections with gender relations. I discuss the ways by which technology is appropriated to reaffirm love ties, but also becomes the focus of surveillance, tension and conflict. In this sense, I argue that cell phones engender micropolitics of everyday life in which men and women interact in sociocultural dynamics that reflect gender hierarchies, but also subvert them.

Keywords

Cell phones, gender relations, low-income groups.

"Con el teléfono móvil, 24 horas en el aire": Sobre las relaciones de género y la apropiación de las tecnologías móviles en los grupos populares

Resumen

Desde un enfoque etnográfico, este artículo analiza la apropiación de los teléfonos celulares en sus múltiples intersecciones con las relaciones de género. La tecnología es apropiada para reafirmar los lazos de amor, pero también se convierte en el foco de la vigilancia, las tensiones y conflictos. En este sentido, se argumenta que los teléfonos celulares generan micropolíticas del cotidiano en que los hombres y mujeres

interactúan en dinámicas socioculturales que reflejan las jerarquías de género, sino también las subverten.

Palabras-clave

Teléfonos móviles, relaciones de gênero, grupos populares.

Recebido em 09/08/2012

Aceito em 23/10/2012